

As Histórias da minha Geração: Uma Perspectiva Historiográfica

António de Oliveira

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 83-98

As Histórias da Minha Geração: Uma Perspectiva Historiográfica*

António de Oliveira"

1. Ao ser convidado a apresentar neste momento um testemunho sobre a historiografia da minha geração, que é também, sensivelmente, a do homenageado, não hesitei em responder afirmativamente, não obstante a premência de actividades que tinha em curso. Pulsou, de imediato, o coração, ao encontro de uma manifestação pública de amizade e de louvor a um homem e académico de vida profissional e cívica muito intensa e exemplar, como o Senhor Vice-Reitor Prof. Ribeiro da Silva e o Senhor Presidente do Conselho Científico, Prof. Custódio Gonçalves, acabam de recordar. Convivência longa entretecida pelo sentir comum de mundividências e de realização de algumas tarefas, onde a cortesia e o sentimento de coerência e eficácia que imprimiu às equipas que dirigiu ou onde preponderou, e de que eu tive a honra de fazer parte, encontraram sempre, do meu lado, disponibilidade consentânea. Com muito júbilo me associo a este preito de homenagem.

As razões do coração nem sempre, porém, costumam ser boas conselheiras em matéria de ciência, por mais emoção que esta possa conter, como me pareceu logo que tive oportunidade de atentar no objecto desta minha intervenção, que antecipadamente tive de intitular por conta própria, dada a urgência da denominação. Para que o equívoco de as «minhas histórias» se não mantivesse, acrescentei-lhe uma perspectiva historiográfica, o que tem a singularidade de não fazer da história um plural, se bem que a minha história, a nossa história, tenha passado por mais do que uma concepção neste último meio século.

Não me atrevo, no entanto, a falar de coevos, embora haja uma significativa produção de resenhas historiográficas neste sentido e um modo acentuado de ajuizar o que se encontra feito. Sínteses, no entanto, talvez mais judicativas do que programáticas, como se imporia na busca de ultrapassar alguma indefinição da História, companheira de todos os saberes e de todas as vidas.

As gerações presentes afeiçoam a teoria da história ao futuro que traçam para si. Não vou, no entanto, seguir pelo terreno buliçoso dos filhos e dos netos, dado que é mais cómodo o silêncio dos avós, mais fácil fazer que se procura a raiz da vida do que sentir a seiva que viceja. Tentarei percorrer, assim, mais a matriz historiográfica do meu tempo de estudante e sua transformação, do que as certezas do futuro, companheiras da abençoada ousadia dos jovens, que bem dela precisam para de novo situar a História numa taxionomia das disciplinas do saber.

Numa atitude de alguma defensiva, mas também de crença, começarei por recordar que foi numa obra de Foucault que encontrei Virgílio Ferreira, na sua feição de ensaísta, a exprimir o que então por vezes tenho repetido, com ele: «problematizamos não como nos apetece, mas como apetece ao tempo em que se problematiza»¹. É uma questão de sistema, para cuja feição, depois dita estrutural, havia já chamado a atenção, no campo da Linguística, Ferdinand Saussure, falecido em 1913. É o que corresponde, creio, em Maravall, «à configuração dos conjuntos estruturais»

* Texto apresentado num colóquio elaborado no enquadramento da homenagem ao Prof. Doutor Luís A de Oliveira Ramos, o qual decorreu no Salão Nobre da Faculdade de Letras em 18.05.02. ** Universidade de Coimbra

dentro da longa duração, como explicita ao iniciar, em 1972, o que se começava a chamar história das mentalidades².

O contínuo em história, afirmavam os defensores do método geracional, é «descontínuo». O mundo, calculava Ortega y Gasset, muda de quinze em quinze anos, aproximadamente³. A duração média de vida e o ritmo das idades deve ter alterado a periodização, se algum dia esteve certa, e desde há muito que o século dos romanos, e sobretudo o dos etruscos, não se anuncia prodigiosamente quando morre o último indivíduo da geração, mas certamente quando os limites de uma nova produção social de cultura permitem que esta entre em vigor. As discontinuidades mantêm, no entanto, como mostra a descapagem arqueológica da cultura, uma continuidade subjacente, não obstante o vazio de ligação que por vezes se poderá teorizar⁴.

Num contexto de tantas mudanças ocorridas no meu tempo geracional, que forçosamente a filosofia crítica da história e a própria teoria da história acompanharam, seguindo a este propósito distinções de Raymond Aron, pretendo apenas, neste momento, em que se evoca, afinal, o passado e o futuro de uma disciplina que costuma ter por objecto o que aconteceu, mesmo no presente, de perguntar, como tantos antes de mim já o fizeram, por que só nos inícios dos anos sessenta - que cronologicamente corresponde à entrada no corpo docente universitário do homenageado, de mim próprio e de outros colegas presentes -, se começaram a tentar visíveis mudanças historiográficas, dentro da Universidade, quanto ao método e objecto, deixando então a historiografia portuguesa de ser autárquica. Não obstante, a nossa historiografia continua hoje a ser a da nação e a não ter a correspondente visibilidade exterior.

2. Sob a unicidade da história como conhecimento científico, vivi mais do que um paradigma, cuja periodização não vou desenvolver nesta leitura, dado que o momento não o consente. Direi apenas que, em sentido muito pessoal, talvez possa reduzir essa periodização apenas a dois tempos: a um antes e outro depois de obter a licenciatura.

Com efeito, comecei uma nova aprendizagem, uma vez assente a presumível nova carreira profissional futura. Havia aprendido um método de crítica documental e uma escrupulosa atitude perante o pormenor, mas não tinha chegado à percepção das novas concepções historiográficas que estavam em curso⁵. A outra face da história chegou, vinda de muito antes, quando interiorizei que é o presente e não o passado que comanda a historiografia. Ao passado vai buscar-se apenas o que é pertinente às gerações do presente, ao futuro que delinearão para si. Não é a partir de uma massa documental, que se localizou algures, que as obras históricas se tecem, mas a partir dos problemas que nos inquietam.

O passado inventa-se, não se reconstrói sucessivamente, documento a documento⁶. E inventa-se com especulação e intencionalidade pragmática, como explicitava Georges Lefebvre (1874-1959), ao classificar de positiva a obra de Fustel de Coulanges (1830-1889), quando analisada por estas perspectivas, que não contém⁷.

Uma outra questão que depressa me apercebi foi a de que o evento, por natureza único, irrepetível, à volta do qual se construíam factos necessariamente singulares, podia tomar uma dimensão serial e não apenas a de ressonância social que até aí fazia dele um facto⁸. Eram as séries múltiplas de

¹FOUCAULT, Michel, *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das Ciências Humanas*. Lisboa: Edições 70, p. 39.

²ANDRÉS-GALLEGO, José, coord., *Historia de la historiografía española*. Madrid: Ediciones Encuentro, 1999, p. 328.

³MARIAS, Julian, *La estructura social. Teoría y método*. Madrid: Sociedad de Estudios y Publicaciones, 1964, p. 50 s., 1ª (?) edição, 1955; idem, *El método histórico de las generaciones*. Madrid: Revista de Occidente, 1949; ANDRÉS-GALLEGO, José, coord., *Historia de la historiografía española...*, p. 312; ESTÉBANEZ CALDERÓN, Demetrio, voce. *Generación*, in «Diccionario de términos literarios». Madrid: Alianza Editorial, 1999, p. 444445.

⁴FERREIRA, Virgílio, *Questionação a Foucault e a algum estruturalismo*, in FOUCAULT, Michel, «As palavras e as coisas...», p. 21.

⁵A disciplina Teoria da História só foi introduzida nos planos curriculares da Licenciatura quando a História se separou da Filosofia. As noções de Filosofia e de Método em História eram abordadas, ao tempo, em algumas cadeiras de Filosofia do plano de estudos das Ciências Históricas e Filosóficas.

⁶Ideias que se encontram também expressas por BURGUIERE, André ao longo do *Diccionario Akal de Ciências Históricas*, para caracterizar a historiografia dos *Annales*.

⁷*Apud* MENDES, José Maria Amado, *A História como Ciência. Fontes, metodologia e teorização*. Coimbra: Coimbra Editora, 1987, 68.

preços ou de registos paroquiais que permitiam os estudos comparativos e a assumpção de um tempo longo e não o dia a dia, o ano a ano do acontecer fenoménico, onde a conjuntura se acomoda muito bem, mas não a estrutura, que Braudel, como é sabido, não amava, para não dizer que inicialmente repudiava⁹. A influência da Linguística e a aplicação de modelos à História ainda se não tinham imposto, embora se conhecesse desde 1916 o *Curso de Linguística Geral* de Saussure¹⁰, a actividade de Claude Lévi-Strauss ao trazer para a Antropologia, a partir de 1949, os modelos de análise estrutural¹¹, assim como as descontinuidades e os sistemas de Foucault, o qual também parece que dava preferência ao estudo das séries¹².

A década de sessenta, a dos nossos inícios académicos e a da forte contestação ao regime, não trouxe apenas transformações ao nível económico, social e político. Logo no início, em 1960-1961, surgem obras marcantes da historiografia francesa. Recordo, por exemplo, no que mais de perto me diz respeito, as dissertações de doutoramento de Pierre Goubert¹³ e de René Baehrel¹⁴, assim como a de Michel Foucault¹⁵. E não será despropositado lembrar também que, por este tempo, os cultores da Psicanálise em Portugal, ou pelo menos alguns psicanalistas, entre os quais havia quem se tivesse especializado em França, começam a poder apresentar-se, em reuniões da sua especialidade, de modo livre, e que a própria Sociologia, como ciência, se liberta dos medos que o estudo dos fenómenos sociais parece que impunha¹⁶, embora muito depois de Abril de 1974 eu próprio tivesse ainda de lutar com alguns fantasmas, os quais curricularmente me venceram, não obstante a Sociologia ter sido proposta já em 1919, por Leonardo Coimbra, como disciplina do curso de Ciências Filosóficas¹⁷. Deste mesmo tempo (1950-1970) é o estruturalismo em Ciências Humanas, no qual a Linguística vai desempenhar um papel fulcral. E dos inícios da década é, como bem se sabe, a restauração da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a realização de três doutoramentos em História.

⁸ Para uma atitude crítica quanto ao que sobre a matéria se ensinava em Coimbra, LIMA, Sílvia, *O determinismo, o acaso e a previsão em História*. Coimbra: Coimbra Editora, 1958, 3ª ed. A2ª data de 1944. A primeira foi publicada na revista «Biblos», XIX, 1943, de que saiu separata (43 p.).

⁹ AYMARD, Maurice, *voe. Estructuras*, in BURGUIÈRE, André coord., «Diccionario Akal de Ciências Históricas». Madrid: Akal, 1991, p. 283-285; POMIAN, Krzysztof, *A História das estruturas*, in LE GOFF Jacques e CHARTIER, Roger dir., «A Nova História». Coimbra: Livraria Almedina, 1990, p. 190 s.

¹⁰ SAUSSURE, F. de, *Cours de linguistique générale*. [Através das notas das suas lições por] BALLY, C. et SECHEHAYE, A. avec la collaboration de RIEDLINGER, A., Paris: 1916, 1922, 1931; ESTÉBANEZ CALDERÓN, Demetrio, *Estructuralismo*, in «Diccionario de términos literários». Madrid: Alianza Editorial, 1999, 2ª ed., p. 386.

¹¹ Data da sua dissertação de doutoramento, *Les structures élémentaires de la parenté*. Paris: PUF, 1949. Segunda edição, 1967.

¹² REVEL, Jacques, *FOUCAULT, Michel, 1926-1984*, in «Diccionario Akal de Ciências Históricas», p. 307.

¹³ GOUBERT, Pierre, *Beauvais et le beauvaisis de 1600 à 1730. Contribution à l'histoire sociale de la France du XVIIe siècle*. Paris: SEVPEN, 1960. Com um apêndice, em separado, de *Cartes et graphiques*. (Doutor em Letras em 1958). Período de arranque da Demografia Histórica, expressão vinda já, pelo menos, de 1933. (DUPÂQUIER, Jacques, *Demografia Histórica*, in «Diccionario Akal de Ciências Históricas», p. 186.

¹⁴ Em tempo de expansão económica, onde crescimento e desenvolvimento serão palavras-chaves, construía *Une croissance* num espaço rural regional, a Baixa-Provença. (BAEHREL, René, *Une croissance: la Basse-Provence rurale (fin du XVIe siècle - 1789). Essai d'économie historique statistique*. Paris: SEVPEN, 1961. Com um apêndice, em separado, de *Graphiques*. A ed. de 1988 coloca em primeiro lugar, no título, *La Basse-Provence rurale...* Doutorou-se em Letras, em Paris, em 1959. De 1960 é a primeira edição de ROSTOW, W. W. *The stages of economic growth. A non-communist manifesto*. Cambridge: University Press, 1960. Segunda edição, depois de dez reimpressões, em 1971. Numa das provas orais do meu doutoramento (1972), ainda tive de seguir alguns dos seus conceitos a propósito da Revolução Industrial, sobre a qual fui interrogado pelo Prof. Borges de Macedo.

¹⁵ FOUCAULT, Michel, *Folie et déraison. Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Plon, 1961. Diss. principal de doutoramento em Letras. Segunda edição, Paris, Gallimard, 1972. Edição em língua portuguesa, FOUCAULT, Michel, *História da loucura*. S. Paulo: Editora Perspectiva, 1993, 3ª ed. Da sua bibliografia constam obras a partir de 1954. (*Maladie mentale et personnalité*, Paris, PUF, 1954).

¹⁶ NUNES, João Paulo Avelãs, *A História Económica e Social na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 1911-1974*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1995, p. 23, seguindo NUNES, Adérito Sedas, *Problemas da Sociologia em Portugal*, «Análise Social», 1963, 3, p. 459-464. Esta revista, órgão do Instituto de Ciências Sociais, inicia a sua actividade em 1963. «Portugal, nos tempos de Salazar, era um país hostil às ciências humanas em geral, e sobretudo às ciências sociais». (Francisco Falcon, *Historiografia portuguesa contemporânea. Um ensaio histórico-interpretativo*, «Estudos Históricos», 1, 1988, p. 90). No segundo ano de Teologia, no entanto, ainda Cerejeira havia cursado Sociologia Geral e Filosofia do Direito. (Padre Moreira das Neves, *O Cardeal Cerejeira patriarca de Lisboa*. Lisboa: Pro Domo, 1948, p. 140)

¹⁷ Fazia parte, por exemplo, de um intempestivo plano de estudos de Ciências Filosóficas proposto por Leonardo Coimbra, Ministro da Instrução, em 1919. (Vide Joaquim Ferreira Gomes, *A Universidade de Coimbra durante a primeira República (1910-1926)*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1990, p. 332).

Os anos sessenta amanhecem, em Coimbra, com efeito, com a defesa de duas teses de doutoramento (impressas em 1959¹⁸ e 1960)¹⁹, a cujos novos Doutores se junta, em Lisboa, Oliveira Marques (1960)²⁰ e, alguns anos depois, Borges de Macedo (1964)²¹. Virgínia Rau vinha de 1946²², Magalhães Godinho de 1959²³, da Sorbonne, o qual, desde 1947, havia ingressado como investigador no Centre National de Ia Recherche Scientifique²⁴. Um alto conjunto de novos doutorados que se impunha e se impôs, procurando a mudança.

Foi neste contexto que, nas férias grandes de 1961, trouxe de Paris uma segunda sugestão para a minha dissertação de doutoramento, que levei por diante, uma vez abandonada a primeira ideia, que havia começado a trabalhar, sobre a vida social dos escravos em Portugal, ingenuamente projectada no ano em que começou a guerra colonial.

Embora o não possa parecer, a minha formação, em termos de Epistemologia e Lógica, decorreu, em certo sentido, num contexto de neopositivismo, onde «todas as ciências se exprimem na linguagem da física»²⁵. Se se não tratava de um fiscalismo, pelo menos incutiram-me que a precisão e o rigor eram apanágio da ciência²⁶, embora também sustentassem a relatividade do conhecimento a partir da nova Física; que a ciência se exprimia por substantivos e que a história era uma ciência²⁷. Como se, por exemplo, nunca tivesse existido antes Wilhelm Dilthey (1833-1911) ou a sensibilidade fosse incompatível com a compreensão²⁸.

Julgo que o Prof. Oliveira Ramos aprendeu em Lisboa uma Lógica diferente da que cursei²⁹, assim como uma Psicologia Experimental diferente, a qual metodologicamente muito me marcou

¹⁸ COSTA, Avelino de Jesus da, *O bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*. Coimbra: Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1959, 2 vol. Segunda edição, COSTA, Avelino de Jesus da, *O bispo D. Pedro e a organização da arquidiocese de Braga*. Braga: Edição da Irmandade de S. Bento da Porta Aberta, 1997-2000, 2^a ed. refundida e ampliada, 2 vol.

¹⁹ ARNAUT, Salvador Dias, *A crise nacional dos fins do século XIV: I - a sucessão de D. Fernando*. Coimbra: Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1960. Diss. de licenciatura, *^ batalha de Trancoso*. Coimbra: Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1947. De certo modo, foi o último melhor discípulo de António de Vasconcelos. Sobre aspectos da sua historiografia, vide ALMEIDA, Luís Ferrand de, *Notas sobre a obra historiográfica do Doutor Salvador Dias Arnaut*, «Revista Portuguesa de História», XXXI, vol. 1, 1996, p. 31-45. Uma notícia, a propósito da jubilação, OLIVEIRA, António de, *Jubilação académica do Doutor Salvador Dias Arnaut*, «Revista Portuguesa de História», XXII, 1985, p. 201-206; idem, «Biblos», LXX, 1994, p. 642-647. Apoiou-me no início da minha carreira universitária. Amizade que perdurou ao longo da vida e que recordei com gratidão.

²⁰ MARQUES, A. H. de Oliveira, *Hansa e Portugal na Idade Média*. Lisboa: [s.n.], 1959 (Lisboa, Tip. Albano Tomás dos Anjos).

²¹ MACEDO, Jorge Borges de, *Problemas de história da indústria portuguesa no século XVIII*. Lisboa: [s. n.], 1963. A diss. de licenciatura intitulava-se *A situação económica no tempo de Pombal: alguns aspectos*. Lisboa: Gradiva, 1989, 3^a ed.

²² RAU, Virgínia, *Sesmarias medievais portuguesas*. Lisboa: [s.n.], 1946. Tese de licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas, *Subsídios para o estudo das feiras medievais portuguesas*. Lisboa: Bertrand, 1943.

²³ GODINHO, Vitorino Magalhães, *Uéonomie de Vempire portugais aux XVe et XVIe siècles*. Paris: S.E.V.P.E.N., 1969. Diss. principal, datada de 1958. Edição portuguesa, GODINHO, Vitorino Magalhães, *Os descobrimentos e a economia mundial*. Lisboa: Arcádia, 1963-1965, 2 vol.. Em 1955, diss. para diploma da École Pratique des Hautes Études, GODINHO, Vitorino Magalhães, *Prix et Monnaies au Portugal: 1750-1850*. Paris: Armand Colin, 1955.

²⁴ MAGALHÃES, Joaquim Romero, *De Victorini Magalhães Godinho vita scriptis et in adversis animifortitudine*, in «Estudos e ensaios em homenagem a Vitorino Magalhães Godinho». Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1988, p. 1-41.

²⁵ MORUJÃO, Alexandre, *Neopositivismo*, in «Enciclopédia Verbo». Uma referência bibliográfica, entre tantas outras: PORTA, Miguel, *El positivismo lógico: el Circulo de Viena*. Barcelona: Montesinos, 1983. Como se sabe, a Filosofia da Ciência foi dominada, até 1950, pelo positivismo lógico, ambiente que predominava bem em algumas aulas. A Lógica e Teoria do Conhecimento estavam então a cargo do Doutor Miranda BARBOSA. Uma das características da Lógica de Miranda BARBOSA: «A verdade e o erro residem no elemento conceptual». Uma síntese, devida a MORUJÃO, Alexandre, na «Enciclopédia Verbo», entrada *Barbosa (Araldo Casimiro Miranda)*. Sobre a sua obra filosófica, BARBOSA, Araldo Casimiro de Miranda, *Obras filosóficas*, org. e pref. de MORUJÃO, Alexandre Fradique. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996. Uma das ideias que primeiramente recebíamos era a de Filosofia como sistema. O melhor sistema era o que partia de um mínimo de pressupostos e atingia um máximo de explicabilidade.

²⁶ GEX, Maurice, *Méthodologie. Cours de Philosophie des Gymnases cantonaux de Lausanne*. Lausana: Librairie de l'Université, 1947, p. 34 s.

²⁷ Dentro do sistema, assim procedia também o antropólogo Bronislaw MALINOWISK, (1884-1942), o qual privilegiava, segundo a «concepção neo-positivista da unidade da ciência», «um método baseado na descrição correcta e exacta dos factos». (ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel *Dicionário de Psicanálise*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1997, p. 487).

²⁸ Se Sílvio LIMA acentuava os ensinamentos de Claude BERNARD (1813-1911), não deixava de considerar, já nas aulas de Psicologia Experimental, o facto histórico como um constructo. (Sobre esta construção, vide CATROGA, Fernando, *A historiologia de Sílvio Lima...*, p. 340-341). Mais tarde, MORUJÃO, Alexandre publicaria: *O problema da História na Fenomenologia de Husserl*. Coimbra: CEF, 1965. Sep. de: «Perspectivas da Fenomenologia de Husserl», Centro de Estudos Fenomenológicos. Coimbra: 1965; idem, *Subjectividade e história: três estudos sobre a fenomenologia husserliana*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1969.

pelo encanto verbal do professor³⁰; e que teve também como docente Vitorino Nemésio, historiador e escritor cuja imaginação, de certeza, não ensinaria aos alunos, ou aos assistentes, a escreverem sem adjectivos, dada a sua atitude poética nas obras de criação. Subjectividade que se encontra no início do próprio neo-realismo, em 1940, sob a forma de um realismo lírico³¹.

Sensibilidade que desde os finais do século XIX a nova estética impunha pelo apelo à imaginação, opondo-se já ao positivismo e naturalismo até então marcante, distinguindo-se ciências da natureza e do espírito. Com efeito, como afirmava Ramalho Ortigão, o naturalismo tinha chegado ao fim. E o próprio Eça, em 1893, escrevia: «O romance experimental, de observação positiva, todo estabelecido em documentos, findou (se é que jamais existiu, a não ser em teoria...)». E no mesmo sentido verbera o «modo brutal e rigoroso com que o positivismo científico tratou a imaginação, que é uma tão inseparável companheira do homem, como a razão»³².

Em 1913, no entanto, Francisco Martins, que na Faculdade de Teologia havia ensinado História Sagrada e História Eclesiástica, sumariava, numa das suas aulas em Coimbra, que «A imaginação em História não funciona como na arte, mas como na ciência»³³. O que não deixa de ter sentido, embora o tópico retome o modelo positivista oitocentista de encarar a ciência, e dentro dela a História. Século este percorrido pela cientificação dos fenómenos sociais, a partir de modelos das ciências da natureza, e a elaboração de uma Teoria da História dentro do mesmo sistema do positivismo, num sentido unilinear de progresso, de leis e de sentido. Alguns dos professores do Curso Superior de Letras foram símbolos desta reconstrução, imbricada com o republicanismo³⁴. Palavras como experiência, facto, lei, determinismo e documento pertenciam ao sistema e influenciavam todas as disciplinas e todas as estéticas. Eça de Queirós, por exemplo, ao apreciar, em 1871, a abertura das conferências democráticas no Casino, começa por explicitar que, pela primeira vez em Portugal, a Revolução teve a palavra «sob a sua forma científica». Reconhece às conferências uma «natureza científica e experimental» e que a revolução é «uma ciência a estudar», serenamente, como se se estivesse a fazer anatomia³⁵.

Exactamente neste mesmo ano de 1871, a Academia das Ciências Morais e Políticas, de Paris, pronunciava-se, através do respectivo júri, sobre a obra vencedora de um concurso aberto em 1869 para a elaboração de uma monografia histórica sobre a democracia em França na Idade Média³⁶.

A fundamentação do júri remete-nos para um paradigma de história que coincide, na Alemanha, com uma corrente da «narração detalhada»³⁷ e com a matriz da obra do catedrático de Teologia

³⁰ ALMEIDA, Francisco Lopes Vieira de, *Obra Filosófica*. Introd. e [compil. de] SERRÃO, Joel e FERNANDES, Rogério. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986 imp. (Série Cultura Portuguesa), 3 vol.;

³¹ ABREU, Manuel Viegas, *Relembrando o problema da recongnição de Sílvio Lima mestre da atitude crítica e do método experimental* [Coimbra]: Faculdade de Letras, [D.L. 1980]. Sep. de: «Biblos», 55 (1979); SILVA, José Ferreira da, *Sílvio Lima: história de um professor universitário*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1979, p. XXXV-XLII. Miscelânea em honra de Sílvio Lima. - Sep. de "Biblos", 55 (1979).

³² A. J. P. *Neo-Realismo*, in COELHO, Jacinto do Prado, dir. «Dicionário de Literatura», 3^o vol., p. 725-728.

³³ Citado por RAMOS, Feliciano, *Estudos de História Literária do século XX*. Lisboa: «Ocidente», 1958, p. 31 e 32. Obra onde o autor estuda as ideias de pendor espiritualista que desde os finais do século XIX se começam a impor e se manifestam na Literatura e também na História.

³⁴ Citado por MENDES, José Maria Amado, *A História na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: investigação e ensino (1911-1926)*, in «Universidade(s). História Memória Perspectiva». Congresso História da Universidade. Actas, vol. 1. Coimbra: 1991, p. 496. De 1907 datava a obra de BERGSON, Henri (1859-1941), *UÉvolution créatrice*. Paris: F. Alcan, 1907, a qual, em 1981, ia já na sua 154^a edição.

³⁵ CATROGA, Fernando *A importância do positivismo na consolidação da ideologia republicana em Portugal*, «Biblos», 53 (1977), p. 285-327; HOMEM, Amadeu Carvalho, *Da monarquia à república*. Viseu: Palimage, 2001, p. 58-59.

³⁶ QUEIROZ, Eça de, *Uma campanha alegre de «As Farpas»*. Vol. I. Porto: Lello & Irmão Editores, 1978, p. 43 s.

³⁷ PERRENS, François-Tomy, *La démocratie en France au MoyenÂge. Histoire des tendances démocratiques dans les populations urbaines au XlVe etXVe siècle*. Genève: Slatkine-Megariotis Reprints, 1975. 1^a edição, Paris, 1873. Emitiu então o júri o seguinte parecer: «L'auteur [...] a traité avec beaucoup de savoir et non moins de sécurité toutes les parties de la question, en s'appuyant sur les faits, dont il donne toujours les preuves. Il a ainsi classé et décrit les diverses phases des tendances démocratiques en France à mesure que l'histoire les lui présentait». Retenha-se: factos apoiados em provas, classificações e descrições em ordem cronológica. Era este o paradigma de história que em 1871, em França, era digna de ser premiada. Tempo em que a teoria dava lugar aos factos, ao contrário de hoje, e, também é verdade, ao arripio do próprio Oliveira MARTINS, o qual neste ponto não recebia o aplauso de Alexandre HERCULANO, que cultivava a história como uma ciência, cuja dimensão social teria surgido, talvez, de uma corrente historiográfica alemã ou, como já se afirmou, dos primeiros trabalhos de Thierry. (Propostas de uma

António de Vasconcelos (1860-1941) sobre o culto da Rainha Santa, o qual imprimiu o primeiro volume de texto em 1891 e o segundo, de documentos, em 1894³⁸, sendo seguida de outros estudos, nomeadamente o que se debruça sobre Francisco Suárez, editado em 1897³⁹. No ano seguinte, por sinal, Langlois e Seignobos publicam o seu célebre manual, por onde eu, e certamente muitos outros da minha geração, aprenderam a joeirar os factos⁴⁰.

A crise da Matemática e da Lógica nos finais do século XIX, assim como a nova Física que vai surgir,⁴¹ abala a crença na perfectibilidade do progresso e numa história regida por leis.

Raul Brandão (1867-1930), que advogava, no fim do século, a necessidade de se recorrer à «imaginação e não apenas à razão, ao voo do sonho a tocar os espíritos, o regresso à metafísica, a necessidade do desconhecido de se estabelecer de novo», considerava bem que «a ciência, que por vezes arrastara a humanidade, que a supunha capaz de ir até ao fim, bateu num grande muro e parou»⁴².

Na própria Alemanha desenvolve-se mesmo, a partir de 1870, com Dilthey, Rickert, Simmel, «um ataque aos fundamentos do cientificismo da História», acabando a atitude por predominar, na primeira metade do século XX, em alguns países da Europa⁴³.

Em Portugal, ou pelo menos em Coimbra, vai prevalecer neste período a autoridade de um modelo historiografia) constituído muito antes da criação das Faculdades de Letras e das licenciaturas em Ciências Históricas e Geográficas⁴⁴.

Não, como por vezes se tem dito, devido a cerca de 20% dos seus professores terem transitado da Faculdade de Teologia - em Lisboa foram incorporados professores do Curso Superior de Letras -, mas ao facto de terem já adquirido uma determinada forma de investigar e escrever História,

história social, bem evidente já na escola de Göttingen, FRANÇOIS, Etienne, voe. *Alemanha*, in «Diccionario Akal de Ciências Históricas», p. 18; sobre Thierry, MATTOSE, José, in HERCULANO, Alexandre, *História de Portugal desde o começo da monarquia até o fim do reinado de D. Afonso III*, tomo I. Lisboa: Livraria Bertrand, p. IX. Para um elenco das repercussões da revolução de 1848 em Portugal, SERRAO, Joel, *Du socialisme libertaire à Vanarchisme*, in «Utopie et socialisme au Portugal au XIXe siècle». Actes du colloque. Paris, 10-13 Janvier 1979, p. 332). Antes, de qualquer modo, dos movimentos de 1848 em França. A primeira lei da historiografia, com Herculano, passa a ser a verdade, como já, entre outros, havia defendido Caetano do AMARAL, cuja concepção de história já foi estudada pelo Prof. Oliveira RAMOS, no seu trabalho *António Caetano do Amaral e a historiografia portuguesa*, «Revista da Universidade de Coimbra», 30, 1984).

³⁷ FUETER, E., *História de la historiografia moderna*, vol. II. Buenos Aires: Editorial Nova, 1953, p. 212.

³⁸ O anterroteo do primeiro volume explicita: *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão esposa do rei lavrador Dom Dinis de Portugal (a Rainha Santa)*. Estudo de investigação histórica feito pelo doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos lente cathedratico da faculdade de theologia na Universidade de Coimbra e sócio effectivo do Instituto da mesma cidade volume I. Anno de MDCCC/XCIV. Foi impressa esta obra em a antiga e mui nobre cidade de Coimbra na Imprensa da Universidade. O apego às antigas formas documentais fica bem claro.

³⁹ VASCONCELOS, António Garcia Ribeiro de, *Dr. Francisco Suárez, Doctor Eximius (fim do século XVI e Iº quartel do século XVII, 1897*, republicado, com algumas variantes, no vol. II de *Escritos Vários*. Sobre uma apreciação crítica da sua obra, pouco depois de falecer, vide SOARES, Torquato de Sousa, *Prof. Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos*, «Revista Portuguesa de História», II, 1943, p. 7-23.

⁴⁰ LANGLOIS, C.-V. e SEIGNOBOS, C., *Introduction aux études historiques*, 1898. Seignobos, que em 1877-1879, havia feito «uma viagem iniciática» pela Alemanha, na expressão de Glenisson [*Diccionario Akal de Ciências Históricas...*, p. 639], realizou a sua carreira na Sorbonne desde 1873, tendo falecido em 1942, um ano depois de António de Vasconcelos.

No momento em que as obras de António de VASCONCELOS e SEIGNOBOS foram publicadas, já o positivismo de Comte era objecto de profundas contestações. Em Portugal, pelo menos desde Antero e, de certo modo, na própria revista de Filosofia *O Positivismo*, cujo primeiro número é de 1878-79, onde colaboraram conhecidos historiadores e professores do Curso Superior de Letras (COELHO, Jacinto do Prado dir., *Dicionário de Literatura*, 3, p. 863, voe. *Positivismo (O)*; CATROGA, Fernando de Almeida, *Os inícios do positivismo em Portugal. O seu significado político-social*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1977, p. 13. Separata de «Revista de História das Ideias», vol. I, p. 299; HOMEM, Amadeu José Carvalho, *O positivismo perante as propostas liberais e democráticas as suas afinidades com o marxismo*, «Inter Accões», 6, 1977, p. 57-74; idem, *O positivismo perante as propostas marxista e demoliberal*, «Análise Social», 36, (158/159), 2001, p. 487-503; idem, *Algumas notas sobre o positivismo religioso e social*, «Revista de História das Ideias», 9, 1987, p. 667-673.

⁴¹ GODINHO, Vitorino Magalhães, *A crise da história e as suas novas directrizes*. Lisboa: Empresa Contemporânea de Edições, 1946, p. 21. Uma recensão desta obra, feita por Magalhães VILHENA, foi publicada em a «Revista Portuguesa de História», II, 1943, (número respeitante a 1943-1947), p. 348-350.

⁴² Extraído de RAMOS, Feliciano, *Estudos de História Literária...*, p. 145, a partir de *A morte do palhaço e o mistério da árvore* (1926), refundição de *História de um palhaço - Vida e diário de K. Maurício* (1896), onde o autor analisa o mal do fim do século. (E. T. R. Brandão, *Raul Germano*, in COELHO, Jacinto do Prado dir., «Dicionário de Literatura», com bibliografia e remissão para *Fim do século*, do mesmo autor T. R. F. Nos princípios do século XX, parece que os docentes universitários revelavam uma actualização maior nas suas dissertações do que nas aulas, segundo os autores de um texto recente intitulado *Cultura científica em Portugal: a Universidade e o ensino científico da Relatividade e da Quântica na I. metade do séculoXX*. (por GAGEAN, David

para além, creio, da influência da Filologia sobre a História. Filologia, ciência, e Grupos filológicos dentro da Faculdade, para além de uma inegável impossibilidade política de assumir certas teorias da História.

Para a secção de História da nova Faculdade transitou, com efeito, para além de um outro colega (Fernando Martins), o Doutor António de Vasconcelos, o teólogo historiador da Rainha Santa, o muito activo director da Faculdade entre 1911 e 1920, fundador do Instituto de Estudos Históricos da sua secção, professor de diversas cadeiras, entre elas as chamadas Auxiliares de História⁴⁵ e que veio a ser primeiro presidente da Academia Portuguesa da História, reformador e director do Arquivo da Universidade e autor de uma vasta e característica obra⁴⁶.

Vasconcelos era um meticoloso apurador dos factos, com carácter obsessivo pelo pormenor, nas palavras de Torquato de Sousa Soares, ou, na apreciação idêntica de Gonçalves Cerejeira, que foi professor de Propedêutica Histórica⁴⁷, entre outras cadeiras, e o considerava o primeiro entre os Mestres, um homem dotado de «erudição vasta, precisa, segura [e de] extraordinária faculdade de observação paciente, minuciosa e fiel»⁴⁸. No mesmo sentido ajuizou o simbolista Eugênio de Castro, ao anotar o seu ensino acentuadamente crítico através da crítica das fontes e dos factos⁴⁹. E

Lopes e LEITE, Manuel da Costa, in «Universidade(s) Histórias memória Perspectivas». Actas. Vol. I, p. 500). Os autores apresentam um exemplo de 1901, que já conhece o fenómeno de Zeeman, descoberto em 1896 e, sobretudo, referem a dissertação de concurso apresentada por Leonardo COIMBRA em 1912. Nesta dissertação, segundo os referidos autores, Leonardo COIMBRA «expõe as doutrinas físicas do princípio do século, em especial a teoria dos electrões de Lorentz e, pela primeira vez em Portugal, a Teoria da Relatividade de Einstein, de 1905». Este apego do Filósofo português à Matemática, Física, Química e Biologia, que parece não ter chegado para convencer o júri do concurso, a que também concorreram António SÉRGIO e Matos ROMÃO (GOMES, Joaquim Ferreira, *A Universidade de Coimbra durante a Primeira República...*, p. 331-332), pode bem explicar o currículo que propõe, em 1919, para Ciências Filosóficas e a tentativa de desanexar da Universidade de Coimbra a sua Faculdade de Letras, colocando-a no Porto. Funcionava então em Coimbra, pelo menos, uma cadeira de Teoria da Ciência, no âmbito da Escola Normal Superior, para além de diversas metodologias.

⁴⁵ DUMOULIN, Olivier, *Historicismo*, in «Diccionario Akal de Ciências Históricas»..., p. 342.

⁴⁶ Os estudos históricos foram criados nas novas Faculdades de Letras com uma vocação de investigação e proibição do manual, de acordo com o regulamento e decreto que serve de adenda à lei da criação. Um Instituto de Estudos Históricos (que incluía as secções de História, Filosofia e Filologia) nasceu com as Faculdades, vocacionado para a investigação, sede onde se deveriam elaborar as dissertações de licenciatura e doutoramento, para além de trabalhos práticos dos alunos. Em Coimbra, o Arquivo, assim como o Museu Machado de Castro, surgem como espaços naturais de ensino e investigação. Os professores de História são, ao mesmo tempo, directores ou funcionários do Arquivo. Gonçalves Cerejeira, por exemplo, foi seu arquivista paleógrafo, nomeado a 28 de Junho de 1918 (NEVES, Padre Moreira das, *O Cardeal Cerejeira, patriarca de Lisboa*. Pro Domo: s. d., p. 188) e Mário BRANDÃO segundo conservador (RODRIGUES, Manuel Augusto, coord., *Universidade de Coimbra no século XX. Actas do Senado, vol. 1, 1911-1916*. Coimbra: Arquivo da Universidade, 1980, p. 37). Mas o ensino e os métodos não podiam deixar de ser os da época.

José Maria Amado MENDES chamou já a atenção para o ensino através da análise de alguns sumários das aulas. Vale a pena, no entanto, perscrutar a preparação científica dos professores, a qual é fácil de efectuar através dos trabalhos que publicaram, alguns dos quais ainda hoje constituem obras de referência e, sobretudo, pelas provas escritas e orais que tinham de prestar no acto de doutoramento, embora se desconheça o desenvolvimento dos conteúdos.

Nos pontos afixados em Julho de 1917, para provas de doutoramento, deparamos, por exemplo, quanto à prova escrita de História de Portugal, com temas como este, entre outros: «o povo e a organização municipal; acção do elemento popular na vida política e administrativa». Com alguma diferença de redacção, não se enunciará melhor ainda hoje. Mas é nos pontos da prova oral de História Geral que vamos encontrar a história do presente, tema que culmina numa Teoria da História baseada na criação e decadência dos impérios, ao mesmo tempo que se teriam de emitir juízos sobre a civilização germânica, e sobretudo anglo-saxónica, não sei se num pendão da supremacia desta raça, que provavelmente já vinha da geração portuguesa de 90 ou, de certeza, da geração espanhola de 98, que é a de ORTEGAY Gasset, contemporânea da perda de Cuba, Porto Rico e Filipinas (Para a geração espanhola de 98 vide ANDRÉS-GALLEGO, José coord., *Historia de la historiografía española...*, p. 312 s., com bibliografia; ESTEBANEZ CALDERON, Demetrio, voe. *Generación dei 98 (1898)*, in «Diccionario de términos literários»..., p. 445-450, com bibliografia).

A prova de doutoramento poderia começar, no entanto, como foi afixado, pela «concepção científica e filosófica da História. Noção de facto histórico e critérios para a sua determinação». Seguiam-se depois «Os imperialismos na história da humanidade e sua influência na marcha da civilização», tema que culminava nas «causas próximas e remotas» da primeira Grande Guerra de 1914-1918, a qual estava em curso. Seguiu-se uma prova oral de Geografia (já com Geografia Humana) e a defesa da dissertação. (Textos publicados em RODRIGUES, Manuel Augusto, coord., *A Universidade de Coimbra no século XX. Actas da Faculdade de Letras...*, p. 137-138.) O mesmo conceito de História era transmitido aos alunos.

Nos princípios dos anos sessenta, quando se introduziu a disciplina de Teoria da História, haviam-se perdido, no ensino, estas noções de Filosofia Crítica e de Teoria, como senti bem quando tive de redigir a minha dissertação de licenciatura, proposta pelo Doutor ALMEIDA, Manuel Lopes de sobre *A Mundividência heróica de João de Barros*, a qual implicava alguns conhecimentos destas matérias. As noções teóricas estavam, porém, incrustadas na prática. ⁴⁵ «[...] instituiu em Coimbra o ensino da Epigrafia e da Numismática, restaurou o da Paleografia, da Diplomática e da Esfragística

já em 1912, numa sessão do senado universitário, a propósito de uma memória que esta instituição lhe havia encomendado, e que leu ou resumiu «acerca dos bens e da evolução da fortuna da Universidade de Coimbra», foi reconhecido, por um dos senadores, o seu «espírito de há muito proficiente e seguro no campo das investigações históricas», como ficou exarado na respectiva acta⁵⁰.

A análise da sua obra não desmente os testemunhos dos colegas amigos, embora não se possa reter apenas a preocupação com o pormenor e o documento. Vasconcelos tinha gosto especial pelas biografias, as quais lhe permitiam a pormenorização, mas também uma reconstrução colorida, como acentuou em 1943 Torquato de Sousa Soares, o que é bem visível no seu *Brás Garcia Mascarenhas*, datado de 1922⁵¹. Mas seco é o texto sobre Inês de Castro, destinado a aulas de História de Portugal⁵². A estas características de historiador devem juntar-se as humanas e pedagógicas, as quais foram generosamente arquivadas por Belisário Pimenta, um futuro adversário político e religioso, que com ele conviveu enquanto jovem em casa do avô e do tio, onde se reuniam os que tinham necessidade de imprimir obras. Foi com Vasconcelos que floresceu a vocação historiográfica de Belisário Pimenta, que a vida fez miliciano⁵².

A obra de António de Vasconcelos, no seu conjunto, que inicialmente marcou Belisário Pimenta, um dos menores historiograficamente, mas não quanto à oposição política, primeiro da monarquia e depois do Estado Novo, não o influenciou apenas a si, estando fora da Universidade⁵³.

Na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra vigorou, desde que foi criado até à revolução dos cravos de Abril, um jardim suspenso da História que acabou por ter como patrono precisamente o seu nome, reflectindo quanto o Grupo de História lhe devia ao tempo da sua morte, ocorrida em 1941, nos inícios de uma vinculada renovação historiográfica, possibilitada também por alguns professores estrangeiros que então se fixaram em Coimbra, bem reflectida nos conteúdos da *Revista Portuguesa de História*, criada ainda em vida de Vasconcelos, mas cujo primeiro volume, publicado em 1941, já não pôde apreciar. É num dos seus números, o correspondente aos anos de 1943-1947, que Torquato de Sousa Soares publicou uma longa e sentida notícia sobre March Bloch, morto em 16 de Junho de 1944. March Bloch, «uma das mais extraordinárias vocações de historiador de todos os tempos» e «que parecia destinado a exercer uma acção fecundíssima na nossa formação de aprendizes de história», escreve o medievalista⁵⁴. Para além da personalidade, a obra

[...]», como escreveu PERES, Damião, *Prof. Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos*, «Revista Portuguesa de História», I, 1941, p. 7.

⁴⁶ Sobre a sua bibliografia existe um conjunto de 223 itens publicados em a «Revista Portuguesa de História», I, 1941, p. 11-47.

⁴⁷ Aspectos dos conteúdos da cadeira de Propedêutica, que no domínio da História da historiografia abordava temas como «Grécia, Roma, Idade Média, Renascença, Século XIX (Romantismo, Positivismo, Idade Crítica)», vide MENDES, José Maria Amado, *A História na Faculdade de Letras...*, p. 496497.

⁴⁸ «A sua erudição vasta, precisa, segura; o seu sereno equilíbrio de critério; a sua extraordinária faculdade de observação paciente, minuciosa e fiel [...]faziam dele] o primeiro de todos os que a seu lado éramos mestres». Autógrafo do Cardeal Cerejeira publicado na «Revista Portuguesa de História», I, 1941, p. 7, datado de 25 de Maio de 1940. A revista foi projectada para sair neste ano. Sobre Gonçalves Cerejeira, com dados que interessam ao nosso propósito, NEVES, Padre Moreira das, *Cardeal Cerejeira...*; CASTRO, Aníbal Pinto de, *O Cardeal Cerejeira universitário e homem de letras*, «Lusitânia Sacra», 2, (1990), p. 21-45. Neste número encontram-se outros estudos que lhe foram dedicados.

⁴⁹ MENDES, José Maria Amado, *A História na Faculdade de Letras...*, p. 483.

⁵⁰ RODRIGUES, Manuel Augusto, coord., *4 Universidade de Coimbra no séculoXX. Actas do Senado, vol. 1, 1911-1916*. Coimbra: Arquivo da Universidade, 1980, p. 37.

⁵¹ SOARES, Torquato de Sousa, *Prof. Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos*, «Revista Portuguesa de História», II, 1943, p. 11. Há uma reedição recente: Dr. VASCONCELOS, António de, *Brás Garcia Mascarenhas. Estudo de investigação histórica*. Reedição fac-similada com apresentação de MARTINS, José V. de Pina. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. O então presidente da Academia das Ciências de Lisboa considerou a obra como «[...] uma das melhores monografias que algum dia foram compostas em Portugal sobre autor da nossa literatura. Pelo rigor da elaboração crítica, pela segurança das conclusões, pelas cautelosas propostas conjecturais quando falta a documentação, pelo método, pela limpidez da escrita e mesmo pela simplicidade do estilo, tão adequado aos estudos históricos, o *Brás Garcia Mascarenhas* [...] pode apresentar-se, ainda hoje, como um estudo modelar de pesquisa biográfica. E também histórica» (p. VII).

⁵² António de Oliveira, Belisário Pimenta, historiador, «Revista Portuguesa de História», 35, 2001-2002, p. 1-36.

⁵³ António de Vasconcelos, *Inês de Castro. Estudo para uma série de lições no curso de História de Portugal*. Porto: Marques Abreu, 1928. Começo do anteprojeto: «Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras. Instituto de Estudos Históricos».

⁵⁴ Trago-o à memória, e recordando, com ele, todos os historiadores opositores ao regime, porque fui eu o encarregado de lembrá-lo quando a parte do espólio que legou à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra entrou, ou devia ter entrado, no domínio público (o estudo encontra-se, finalmente, em vias de publicação), e porque, no campo da história local, pelo menos,

e a concepção de história, de parceria com Lucien Febvre. Sente-se uma acuidade renovada pela história económica e social, sendo chamados especialistas estrangeiros, uma vez acabada a guerra, a proferirem cursos e seminários (Charles Verlinden, da Universidade de Gand, em 1946 e 1947)⁵⁵ e Yves Renouard (1949 e 1950)⁵⁶, num sentir comum de trazer para as Faculdades de Letras a História Económica, que se ensinava noutras instituições, como Direito e Instituto de Ciências Económicas e Financeiras⁵⁷, para além da presença de Pierre David desde 1941⁵⁸, ou de professores alemães que colaboram na revista, inicialmente em alemão, fazendo resenhas bibliográficas ou resenhas⁵⁹. O conjunto da secção de bibliografia, que abrangia todos os ramos da história de então, incluindo o da sua teoria, espelhava a produção de Portugal, Espanha, França, Bélgica, Holanda e Alemanha, entre outras nações.

Tempo em que a história de países estrangeiros tem acolhimento na revista e onde se continuou um salutar hábito de recolher, com pequenas notas de crítica, as obras históricas que se iam publicando no país e no estrangeiro, em parte dilacerado pela Segunda Grande Guerra do século XX.

A década seguinte, no entanto, parece-me que foi de retrocesso em Coimbra. Aquela década em que me formei. A década em que Portugal se começa a modificar estruturalmente e os políticos, da situação ou da oposição, se preocupam com a sucessão de Salazar, procurando alguns a restauração de uma outra via⁶⁰. Talvez não seja por acaso que em 1954, e depois em 1960, Coimbra procure

não pode ser ignorado, embora a monografia que prometeu nunca tivesse sido concluída.

⁵⁵ SOARES, Torquato de Sousa, *Marc Bloch*, «Revista Portuguesa de História», tomo III, 1947, p. 634-654. Neste local, afirma: «Não me referirei agora a *Apologie pour V. H. Bloch ou Métier d'Historien* (Paris, 1962), a que já aludi algumas vezes no decorrer deste artigo. Trata-se de um trabalho tão rico de ideias e de sugestões, que julgamos indispensável fazer-lhe um minucioso exame crítico num dos próximos tomos da *Revista Portuguesa de História*. Para lá remetemos o leitor a quem a mensagem de uma personalidade tão rica, de um espírito tão fino e tão bem sazonado pela reflexão e pela experiência, por vezes tão cruel, não pode deixar indiferente» (p. 653-654). Encantadoras promessas em a renovação dos quarenta. Considere-se, a propósito, que em 1941 sai o primeiro volume de a *Revista Portuguesa de História* (cujo aparecimento esteve projectado para 1940), e, em Braga, poucos anos depois, em 1945, a *Revista Portuguesa de Filosofia*. Em 1936 havia sido criada a Academia Portuguesa da História, seguindo-se, como se bem sabe, as comemorações dos centenários da fundação e restauração da independência de Portugal.

⁵⁶ SOARES, Torquato de Sousa, *Um curso de História Económica e Social...*, «Revista Portuguesa de História», III, 1947, p. 671-674; idem, «Biblos», XXIII (1947) e XXV (1949). As suas lições foram publicadas com o título *Introduction à l'Histoire Économique General*, Coimbra, Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos, 1948.

⁵⁷ Era então director da Faculdade de Letras de Bordéus

⁵⁸ Na década seguinte aparecem alguns estudos no âmbito da História Económica, a qual se havia impulsionado a partir da intervenção de Aguedo de Oliveira na Assembleia Nacional, em 1947. (NUNES, João Paulo Avelãs, *A História Económica e Social...*, p. 79). Deve acentuar-se, no entanto, que os estudos de Economia Política e Finanças, de Estatística ou mesmo de estudos sociais não se efectuavam nas Faculdades de Letras, mas nas de Direito. A de Lisboa, como se sabe, resultou da transformação da Faculdade de Ciências Económicas e Políticas, passando a designar-se Faculdade de Estudos Sociais e de Direito (GOMES, Joaquim Ferreira, *A Universidade de Coimbra durante a Primeira República...*, p. 230-231; NUNES, João Paulo Avelãs, *A História Económica e Social...*, p. 79). Cerejeira chegou a frequentar, em Direito, a disciplina Ciência Económica e Direito Económico. Quando entrei para a Faculdade de Letras ainda existia o Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, em Lisboa, conversão do Instituto Superior de Comércio. Ninguém desconhece, por exemplo, a obra histórica de Moses Bensabat AMZALACK (1892-1978), nascido ainda no século XIX. É dos economistas que nasceram no século XX, mas antes de 1931, um recente *Dicionário Histórico de Economistas Portugueses* indica 19 nomes (CARDOSO, José Luís, coord., *Dicionário histórico de economistas portugueses*. Lisboa: Temas e Debates, 2001). Nenhum deles, creio, deu aulas numa licenciatura de História - os autores de história económica nascidos neste período estão ausentes -, mas publicaram muitos trabalhos onde, para além da economia, há dados históricos. Espaço de Ciências Económicas e Sociais exterior às Faculdades de Letras, o que pode ajudar a explicar a não investigação destas matérias no Grupo de História. O Grupo estava mais votado para a história política, militar e institucional, a qual os historiadores da Faculdade de Direito, ou formados em Direito, acicatavam, e dentro de uma tradição alemã otocentista muito forte. Por isso mesmo sem a apetência para estudos que March Bloch e Lucien Febvre impulsionam antes da década de trinta, nomeadamente ao fundarem em 1928-1929, a partir de Estrasburgo, uma revista de história económica e social. Fundação em tempo oportuno devido à grande depressão, onde no seu primeiro número, (1929, P n^o), civilizadamente, referem os historiadores de «os bons velhos métodos experimentados» e os «novos que se dedicam, com paixão, ao estudo das sociedades e das economias contemporâneas». A pouca importância dada à história económica e social até 1926 resulta da análise de alguns sumários de lições, feita por MENDES, José Maria Amado, *A História na Faculdade de Letras...*, p. 494. Razões idênticas ajudam a entender a prevalência pela história da Antiguidade, Medieval e em parte da Idade Moderna. A Idade Contemporânea resumia-se ao século XIX, tempo em que muitos dos professores de então haviam nascido. Muitos deles consideram a história feita deste século como «uma conspiração contra a história» (Gonçalves CEREJEIRA, *apud* MENDES, José Maria Amado, *A História na Faculdade de Letras...*, p. 498). Mas é através de todo o passado que em 1930 se procuram, através de Jaime CORTESÃO, por exemplo, os factores democráticos da História de Portugal, ao serem comemorados os vinte anos da República.

⁵⁹ Chegou a 30 de Março de 1941, tendo permanecido na Universidade de Cracóvia de 1922 a 1939. Sobre a sua investigação e ensino *vide* COSTA, Avelino de Jesus da, *Prof. Cónego Pierre David: trabalhos inéditos e bibliografia*, «Revista Portuguesa de

restabelecer a sua antiga Faculdade de Teologia⁶¹.

Fora da Universidade, como prova o caso de Belisário Pimenta, era possível enveredar por novos rumos historiográficos, o que de modo geral estava a acontecer também com os historiadores que a ela não pertenciam ou que foram coagidos a afastarem-se dela. Foi preciso esperar, no entanto, pelos anos sessenta, e mesmo setenta, para as mudanças escalarem as muralhas. Porquê?

O modelo positivo com que a Faculdade foi inaugurada, teve convictos continuadores. Não devemos esquecer que os futuros docentes, tanto em Coimbra como em Lisboa, costumavam principiar como leitores de português no estrangeiro. Mário Brandão, por exemplo, que se doutorou em 1933, esteve em Berlim e Hamburgo e Paiva Boléo (filólogo e linguista) permaneceu em Hamburgo de 1929 a 1935. Nesta Universidade, de 1927 a 1929, havia estado como leitor, por sua vez, Manuel Lopes de Almeida, cuja dissertação de Doutoramento foi editada em 1940.

Outros professores, insígnies, vieram do Direito, como Paulo Merêa, que colabora com a Faculdade de Letras a partir de 1920⁶², e Cabral de Moncada, embora com especializações diferentes. A história fazia-se com documentos, sobretudo documentos escritos. «O método crítico filológico, escreveu há muito Fueter, na *História da Historiografia Moderna*, é, na sua origem, um produto puramente alemão»⁶³. Método que se coadunava com o modelo historiográfico que Vasconcelos encarnou, embora, já em 1941, Paulo Merêa afirmasse, a propósito do seu estudo sobre Suárez, Grócio e Hobbes: «A história vai-se tornando uma coisa complexa demais para mim. Exige, ao que parece, uma forte dose de filosofia e a minha não vai - ai de mim! - muito além do senso comum». Era Merêa que falava, filosofando já, nas palavras do amigo e colega Cabral de Moncada, esse, sim, mais vocacionado para filosofar⁶⁴.

A acrescentar a todas as razões apontadas há, no entanto, uma outra, e bem forte.

Não era viável na Universidade portuguesa, até aos anos finais de sessenta, a assumpção explícita de uma teoria da história que tivesse por fundamento o materialismo histórico, ou mesmo o

História», 6, 1955, p. LI-CXLII. Há separata. Foram-lhe dedicados os tomos 6 e 7 desta revista. Na nota 1, p. LII do tomo 6, encontram-se indicados diversos trabalhos do mesmo autor sobre a biografia de Pierre David, o qual foi doutor *honoris causa* de Coimbra (1951).

⁶¹ Refiro-me a BEAU, A. E.. Em Coimbra leccionou, como se bem sabe, Carolina MICHAELIS. (Casou em Berlim, com Joaquim de VASCONCELOS, em 1876). A. E. BEAU publicou em alemão uma longa resenha bibliográfica, em a secção de *Historiografia nacional e estrangeira*. «Revista Portuguesa de História, III, 1947, p. 373-420. Foram percorridos pelo autor, entre 1939 e 1944: Alemanha e Áustria; países escandinavos e Finlândia; Países Baixos (Holanda, Bélgica, Luxemburgo); Inglaterra e império britânico; França; Suíça; Itália; Península Ibérica (Portugal e Espanha); Polónia; Rússia; Hungria e os Estados balcânicos; Turquia; Oriente; Estados Unidos da América do Norte; Ibero-América. Áreas geográficas recenseadas a partir dos seguintes temas: História Geral e Política; História Religiosa; História da Cultura; História do Direito e das Instituições; História Económica e Social; História das Ideias e Ideologias; Teoria da História e da Historiografia. Neste volume, outros estrangeiros dão conta mais pormenorizada de diversas realizações historiográficas. (Para os Estados Unidos da América do Norte, Ralph LADD; Inglaterra (Marjorie BLATCHER e A Taylor MILNE); França (André FUGIER). Portugal esteve a cargo de João Franco MACHADO e Salvador Dias ARNAUT, tendo este analisado as rubricas: Fontes Históricas; Ciências Auxiliares da História; História Geral e Política; História Económica; História Local. No volume anterior (1941) havia já sido publicada a «historiografia estrangeira» referente a Brasil, Espanha, Argentina, França, Bélgica e Holanda, Itália, Inglaterra (com diversos itens, incluindo História Económica e Social) e Alemanha, referentes a 1939 ou 1939-1940).

⁶² ROSAS, Fernando, *O Estado Novo (1926-1974)*, vol. VII da «História de Portugal», direcção de MATTOSO, José, Círculo de Leitores, 1994, p. 505 s.

⁶³ Documentos publicados por RODRIGUES, Manuel Augusto, *Subsídios para a história da Universidade de Coimbra. Personagens e dados estatísticos*. Coimbra: 1988, p. LV s. O doc. de 1954 é uma proposta da Faculdade de Letras ao Senado e o de 1960 do Senado ao governo. O editor não esclareceu o que se passou em tão longo intervalo. A Universidade Católica Portuguesa foi inaugurada em 1968, mas a sua negociação remonta a 1922. A ideia de a instalar em Coimbra estava abandonada desde 1932. Em Lisboa funcionava, desde 1943, um Instituto Superior de Cultura Religiosa. (Vide Joaquim Vieira, dir. *Fotobiografias, século XX. Cardeal Cerejeira*. Círculo de Leitores, 2002, p. 188). Para a negociação estudada a partir da correspondência de Cerejeira com Salazar, BRANDÃO, Pedro Ramos, *Pressões da Igreja Católica portuguesa em Salazar através do Cardeal Cerejeira*. Lisboa: 1998. Diss. de mestrado, ISCTE, polic. Uma referência à matéria em BRANDÃO, Pedro, *Pressões socio-políticas da Igreja Católica sobre Salazar*, «História», 45, 2002, p. 46-52.

⁶⁴ RODRIGUES, Manuel Augusto, coord., *Universidade de Coimbra no século XX. Actas da Faculdade de Letras...*, p. 180. Para dados sobre a biografia, obra e personalidade como historiador, vide «Revista Portuguesa de História», tomo XII. Homenagem ao Doutor Paulo Merêa. Volume I. Coimbra, 1969, p. VI e s.

⁶⁵ FUETER, Ed., *Historia de la historiografia Moderna*. II. Buenos Aires: Editorial Nova, 1953, p. 140.

⁶⁶ Citado por MONCADA, L. Cabral de, *Manuel Paulo Merêa. Esboço de um perfil*. «Revista Portuguesa de História», XII, 1969, p. X. O trabalho de Paulo Merêa é *Suárez - Grócio - Hobbes*, Coimbra, Arménio Amado editor, 1941.

⁶⁷ António SÉRGIO, por exemplo, não é contratado para a Faculdade de Letras de Coimbra em 1933, embora tivesse sido

combate por certo tipo de racionalização⁶⁵. Só a partir dos anos sessenta, embora a polícia estivesse muito activa, começaram a entrar no corpo docente, como assistentes, alguns não comprometidos com o regime⁶⁶.

Assim sendo, em vez de uma Teoria com explicações globais e definitivas, buscando os porquês, era possível uma teoria que considerasse a história científica, ligada, como estava, a uma das conjunturas intelectuais. Passaram então a procurar-se, como escreveu Maurice Crubellier, «explicações parciais e provisórias, o mais objectivas possível». Tratar-se-ia de um «histerismo», na proposta de Raymon Arond, de acordo com uma corrente alemã, vinda de Meinecke (1862-1952), embora este paradigma de conhecimento histórico radique já em Humboldt (1767-1835) e Ranke (1795-1886)⁶⁷. Este historicismo alemão é, a um tempo, «uma concepção de história, do conhecimento histórico e de uma certa prática do ofício de historiador», nas palavras de Etienne François⁶⁸.

Ao longo dos anos sessenta e, sobretudo setenta, o histerismo desfez-se, ficando realizados, no entanto, monumentos historiográficos a que todos hoje recorremos. É um dever de justiça reconhecê-los e lembrar que alguns outros, construídos depois com muita teoria, deixarão de ser consultados quando outra teoria os substituir⁶⁹.

Não há maneira, creio, de fazer história sem documentos, mas certamente que existe mais do que um modo de os ler. E esses modos começavam-se a soletrar quando terminei a licenciatura, embora não muito longe, cronologicamente, do que se passava na Alemanha e em Espanha, por exemplo⁷⁰.

Uma das maiores transformações operadas já na década de sessenta, que em Portugal se inicia, como referi, com um elenco notável de novos doutorados em História⁷¹, foi a provocada pela influência da Linguística, com propostas de renovação desde Saussure, construtora, a partir de uma metodologia e heurística rigorosas, de «uma história léxica exaustiva, estrutural e quantificada». «A produção histórica do documento, durante muito tempo tido como transparente, deixou ouvir a historicidade do seu funcionamento linguístico e textual», como se exprimiu Bernard Cerquiglini⁷².

O estruturalismo, nascido da Psicologia e da Linguística do primeiro quartel do século XX, vai

proposto por ela, e Sílvio LIMA é demitido em 1935, quando publica *O Amor místico*, precedido de *Notas Críticas*, juntamente com Aurélio QUINTANILHA (Coimbra), Abel SALAZAR (Porto) e Rodrigues LAPA (Lisboa). É reintegrado em 6.2.1942, pela pressão amiga de Mário de Figueiredo, depois de seis anos e meio, tendo sido expulso em 16 de Maio de 35. *O Amor Místico* era uma dissertação destinada a concurso de professor extraordinário e as *Notas Críticas*, como escreveu Sílvio LIMA, «livro objectivo, de pura discussão livre e crítica de ideias». (Cf. FERNANDES, Barahona, *Revivendo um ensaio de Sílvio Lima decapitado pela censura «O amor místico»*, «Biblos», 55, 1999, p. VIII).

⁶⁵ Recorde-se que é preciso esperar por 1964 para ver surgir a primeira edição de *4.ª evolução económica de Portugal dos séculos XII a XV*, de Armando de CASTRO, e, no ano seguinte, o começo da publicação, em fascículos, do *Dicionário de História de Portugal*, dirigido por Joel SERRAO, onde se encontram historiadores de diversos quadrantes ideológicos e historiográficos.

⁶⁶ CRUBELLIER, Maurice, *Teorias de la Historia*, in «Diccionario Akal de Ciências Históricas»..., p. 664 s.

⁶⁷ Como este autor explicita, «a compreensão histórica consiste em utilizar, em primeiro lugar, os métodos de crítica de textos preparada pela Filologia clássica, em reconstruir o mais escrupulosamente possível as intenções e os motivos dos actores da história e, depois, intentar compreender a sua originalidade por mediação da intuição e da simpatia». Já em 1943 havia dito o mesmo Torquato de Sousa SOARES, a propósito de António de VASCONCELOS, ao evidenciar o gosto que este tinha pelas biografias, as quais lhe «permitiam o apuramento minucioso dos pormenores, dava azo a compor com a vivacidade do colorista, a intuição do psicólogo, e até a paixão do dramaturgo, quadros que constituem, por vezes, verdadeiras obras primas da nossa literatura» (SOARES, Torquato de Sousa, *Prof. Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos*, «Revista Portuguesa de História», II, 1943, p. 8-9).

⁶⁸ O rigor, e com razão, era uma das preocupações científicas em todos os domínios. O próprio Sílvio LIMA considerava que entre as muitas qualidades profissionais do Doutor Gonçalves CEREJEIRA contava-se «a prudente atitude crítica que o leva a verificar antes de afirmar, certíssimo como está das paixões humanas adulteradoras dos factos». (NEVES, Padre Moreira das, *O cardeal Cerejeira...*, p. 199, publicando por fac-símile, de um livro de homenagem, as palavras escritas pelo colega. Transcrevemos apenas uma parte). Rigor exigido também à Filosofia: MORUJÃO, Alexandre Fradique, *A filosofia como saber rigoroso de fundamentação*. Braga: Faculdade de Filosofia, 1982, p. 31-49. Sep. da «Revista Portuguesa de Filosofia», 39, II; idem, *Husserl e a Filosofia como ciência rigorosa*. Braga: Faculdade de Filosofia, 1955. Sep. de: Actas do I Congresso Nacional de Filosofia, «Revista Portuguesa de Filosofia», Tomo XI, II, Fase. 3-4.

⁶⁹ Alterações que começavam a sentir-se no campo historiográfico da Alemanha só nos finais dos anos cinquenta, começos de sessenta. E mesmo em Espanha, por exemplo, só no Congresso Internacional de Ciências Históricas de 1950, realizado em Paris, é que o historiador catalão Vicens Vives encontra verdadeiramente a historiografia dos *Annales*. (ANDRE-GALLEGOS, José, coord., *Historia de la historiografía española...*)

⁷⁰ Foi em a *Revista Portuguesa de História* que José MATTOSO publicou a dissertação de licenciatura em História, apresentada na Universidade de Lovaina, intitulada *UAbbaye de Pendorada. Des origines à 1160*, Coimbra, 1962. Separata de «Revista Portu-

impor-se a outras disciplinas, aproveitando a noção de sistema/estrutura. Como havia dito Saussure, «A língua é um sistema de signos que exprimem ideias e, por isso, é comparável à escrita, ao alfabeto dos surdos mudos, aos ritos simbólicos, às formas de cortesias, às insígnias militares, etc. Só que é o mais importante de todos os sistemas»⁷³. A ciência destes signos (Semiologia) vai influenciar outras disciplinas, como a Psicanálise, a Antropologia e a História, inaugurando-se, nesta última, a fase fecunda, ainda em vigor, do estudo do simbólico. «Os símbolos são mais reais do que aquilo que simbolizam. O significante precede e determina o significado», ensina a conceptualização do simbólico em Psicanálise, feita em 1953, embora o termo venha de 1936, com Jacques Lacan. Simbólico que em Antropologia se impõe, com Claude Lévi-Strauss, «fazendo frente ao funcionalismo e ao culturalismo das escolas inglesa e americana»⁷⁴.

É nesta conjuntura que Louis Althusser (1918-1990), em 1964, reformula o marxismo «a partir de uma leitura do texto largamente inspirada nas teses freudianas»⁷⁵ e que Herbert Marcuse (1898-1979) publica, neste mesmo ano, *O homem unidimensional*, depois do aparecimento, já em 1955, de *Eros e a civilização*. Se nesta obra o destino da humanidade é impulsionado por Eros, e não por Thanatos, se o prazer é única força capaz de lutar contra a morte e a ordem estabelecida, seguindo uma via de libertação pela superação dos conflitos, o homem padronizado, unidimensional, é um apelo à crítica da recusa e um apelo de revolta contra a ordem social dominada pela racionalidade tecnológica. A juventude académica leu-o bem, a julgar pelo sucesso editorial⁷⁶.

Anos sessenta, anos da revolução estudantil e não só, iniciada por militares em 1961, depois da candidatura de Humberto Delgado: Lisboa (e Coimbra), 1962; França, Maio de 1968; Coimbra, Abril de 1969. Difusão pela Europa e pelos Estados Unidos da América do Norte⁷⁷. Anos, forçosamente, da renovação da historiografia, ainda cautelosa no meio universitário, mas já não fora dele, e de modo aberto na década seguinte. Em Setembro de 1968, havia tomado posse, como Presidente do Conselho de Ministros, Marcelo Caetano. Em 1970 começava a grande reforma do ensino em Portugal, com Veiga Simão, seguindo-se o 25 de Abril.

Sobretudo depois da revolução de Abril, a epistemologia acentuou o papel da história como ciência, na senda de um conhecido lema marxista que a própria revista *Past and Present* inicialmente sustentava no subtítulo (*Revista de História Científica*), ostentando hoje, simplesmente, «a journal of historical studies», depois da mudança proposta pela redacção da revista ao tempo de J. H. Elliott⁷⁸.

Estamos ainda todos muito lembrados da história total e da epistemologia da história científica⁷⁹, como do estruturalismo e dos modelos em História, ainda vigentes. Ao lado da construção, a desconstrução do discurso, tentada também entre nós, pelo menos numa dissertação de doutoramento⁸⁰ e numa multiplicidade de acções desconstrutivas em relação a mitos historiográficos. Esforço das novas gerações que permitiram uma «historiografia caracterizada por uma extrema flexibilidade intelectual, um cálculo preciso nos investimentos da investigação e uma capacidade

guesa de História», tomo VII, p. 1-192. Possuo um exemplar com dedicatória do autor datada de 2.IV.63. A contratação de José MATTOSO para Coimbra estava prevista, tendo chegado a ser pre-anunciada.

⁷³ CERQUIGLINI, Bernard, *Linguística e historia*, in «Diccionario Akal de Ciências Históricas»..., p. 441.

⁷⁴ ESTÉBANEZ CALDERÓN, Demetrio, *Diccionario de términos literários...*, p. 386.

⁷⁵ ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel, *Diccionario de Psicanálise*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1962, p. 702.

⁷⁶ ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel, *Diccionario de Psicanálise...*, p. 138. Marxista francês de larga influência nos anos setenta, é autor, entre muitas outras obras, de *Positions 1964-1975*. Paris: Éditions Sociales, 1976 (recolha de artigos); idem, *Psychoanalyse et sciences humaines: deux conférences (1963-1964)*. Ed. établie et présentée par Olivier CORPET et François MATHERON. Paris: Librairie Générale Française, 1996; idem, *Pour Marx*. Paris: E Maspero, 1965; idem, *Écrits sur la Psychoanalyse: Freud et Lacan*. Textes réunis et présentés par Oliver CORPET et François MATHERON. Paris: Stoccolm/Imec, 1993; idem, Lisboa, *Ideologia e aparelhos do Estado*. Lisboa: Editorial Presença, 1974.

⁷⁷ ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel, *Marcuse, Herbert (1898-1979)*, in «Diccionario de Psicanálise...», p. 493-494. Títulos das obras citadas: *Eros and civilization; a philosophical inquiry into Freud*, Boston: Beacon Press, 1955; *One dimensional man: studies in the ideology of advanced industrial society*. Boston: Beacon Press, 1964. Principais obras sobre a sua filosofia social. É conhecida a influência de Marcuse sobre os estudantes e as rebeliões universitárias na Europa e nos Estados Unidos, tendo assumido um papel de teórico radical da Nova Esquerda.

⁷⁸ *Conversa amb John H. Elliott*, «Revista d'História Moderna Manuscripts», n.º 15, 1997, p. 185. Parece decorrer desta entrevista que a mudança se operou não muito depois do início da revista, a qual surgiu em 1952. O número mais antigo que no momento conseguí consultar nas bibliotecas públicas de Portugal diz respeito a Maio de 1971. (Faculdade de Economia, Coimbra). O

para rentabilizar com grande eficácia os protocolos de investigações recentes. Esta eficácia provém, justamente, da superação do confronto entre história político-institucional e história socioeconómica». Palavras de um historiador francês, Jean-Frédéric Schaub, bom conhecedor da historiografia portuguesa da Idade Moderna, reconhecendo o esforço de integração entre as forças da mudança antes de 25 de Abril e as que depois brotaram⁸¹. Como louvor ao que no momento se produz em História, não posso deixar de lembrar de novo o mesmo crítico, sem dúvida justo: «O antigo regime português, apreendido nas suas raízes feudais e seguido até às suas manifestações mais tardias, foi convertido pelos colegas portugueses num laboratório historiográfico que todo o historiador deveria algum dia visitar»⁸². Retenha-se: «que todo o historiador deveria algum dia visitar».

A reformulação de teorias e epistemologias afastou a síndrome da autarcia historiográfica em Portugal, como, Jean-Frédéric Schaub bem reconhece. Todos sabemos que as obras históricas hoje produzidas inscrevem uma densa bibliografia estrangeira, conhecendo o historiador o que de melhor no mundo se produz no ramo da sua especialidade. Situação muito diferente da diagnosticada por outro estrangeiro, Frédéric Mauro, em 1963⁸³.

Se a historiografia portuguesa não vive em autarcia quanto aos métodos e concepções, continua a tratar, no entanto, sobretudo da história da sua nação, o que lhe tira, à partida, a dimensão comparativa⁸⁴. Portugal nunca possuiu, segundo creio, ao contrário de muitos outros países, instituições ou projectos vocacionados para investigar a história de outras nações, nem tem havido o hábito das revistas da especialidade acolherem a produção sobre países alheios⁸⁵. Talvez seja tempo dos professores voltarem ao século XVI, falando agora o inglês, e espalharem-se pelas Universidades europeias, pelo menos.

O que talvez venha a implicar uma nova teoria da História de Portugal, não enquadrada nas epopeias. O que talvez seja difícil, porque o império que Portugal criou não era de natureza económica, a crer nas estatísticas das trocas entre o continente e as colónias no século passado⁸⁶. Talvez D. Sebastião morra agora, algures, nos campos da Europa.

Qualquer que seja, no entanto, a nova Teoria da História, por mais que se desconstruam as épocas históricas e se liquide o uso político do passado, mesmo que seja em favor do «papel da cultura material na formação de novas espécies de conhecimento», como se anuncia numa conferência de historiadores anglo-americanos a realizar brevemente em Londres⁸⁷, será difícil não continuar a aceitar a influência da participação social nas conjunturas intelectuais. Cada uma delas,

catálogo da Biblioteca Nacional de Madrid acusa a sua existência esde 1959.

⁷⁹ Atente-se, por exemplo, nos títulos (e conteúdos) de algumas obras que fazem parte da bibliografia de Armando de Castro (1918-1999).

⁸⁰ MUNSLow, Alan, *DeconstructingHistory*. Londres e Nova York: Routledge, 1997; CURTO, Diogo Ramada, *A cultura política de Portugal (1578-1642). Comportamentos, ritos e negócios*. Lisboa: [s. ed.], 1994, diss. de doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, polia.

⁸¹ SCHAUB, Jean-Frédéric, *Novas aproximações ao Antigo Regime português*, «Penélope», 22,2000, p. 119.

⁸² *Ibidem*, p. 134.

⁸³ Citado por MENDES, José Maria Amado, *A História Económica e Social nos últimos vinte anos: principais tendências metodológicas*, «Revista Portuguesa de História», XXIX, 1994, p. 21. Recorde-se que se deve, em Coimbra, a Torquato de Sousa SOARES a primeira recolha documental de fontes de História de Portugal no estrangeiro, através de microfilme e fotografia. A função desse «arquivo» era demasiado clara: «É este Instituto [de Estudos Históricos Doutor António de Vasconcelos], fundamentalmente, um centro de estudos de História de Portugal». Em nota de rodapé esclareceu, para que não houvesse dúvida: «Isto não quer dizer, evidentemente, que se alheie da história das outras nações, mas apenas que o seu estudo só lhe interessa na medida que interessar à melhor compreensão da nossa evolução histórica». («Revista Portuguesa de História», 1,1941, p. 329). A propósito da ideia de certo nacionalismo, JÚDICE, Nuno, *A ideia nacional no período modernista português*, «Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas», 9,1996, p.323-333). Muitas das revistas fundadas nesta altura e depois têm por título «Revista Portuguesa de[...]» ou «Revista [...] de Portugal».

⁸⁴ A mesma situação se passa na Bélgica, ou se passava por volta de 1986, como se queixava Léopold GENICOT, de quem colhi a ideia de autarcia, num artigo publicado no *Diccionario Akal de Ciências Históricas*, dirigido por André BURGUiÈRE, que cito pela edição espanhola de 1991 (p. 71-75), a qual não tem o nosso problema de língua, embora o português seja hoje a sexta língua do mundo, ou pelo menos pretenda ser.

No referido *Diccionario*, no artigo intitulado *índia*, que por sinal entrou na história dos europeus com a conquista da Grã Bretanha, segundo se escreve, não encontrei uma única referência, a não ser que me tenha escapado, a Portugal ou aos portugueses, os quais, efectivamente, parecem ter tratado apenas da história dos portugueses no seu estado da índia (p. 366-374). Se a historiografia portuguesa não vive em autarcia quanto aos métodos e concepções, trata, no entanto, sobretudo da história

enquadrada na longa duração, não deixará de perscrutar um fim, ou simplesmente um começo, da história.

Poucas ou nenhuma serão as ciências que possam escapar à ciência histórica, a qual se encontra, talvez por isso mesmo, em permanente renovação (ou indecisão). Há quem a reduza hoje a uma antropologia histórica, disciplina que talvez tenha sido sempre desde os finais do século passado, de cujo combate parece ter saído vitoriosa. Talvez seja altura de voltar a olhar para o homem e interessarmo-nos, de novo, por tudo o que é humano, cujas representações nem sempre os estatuários talham ou talharam do mesmo modo.

Neste tempo chamado de pós-moderno, de «personalização», onde o individualismo, dominado pelos factos colectivos da economia, parece construir uma aparente «era do vazio», para citar um título da obra de Gilles Lipovetsky⁸⁸, que recentemente apresentou nesta cidade, a convite da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, a sua visão do amor no mundo actual, como foi noticiado.

O amor continua a ser fogo. Mas em vez de arder sem se ver, como na lírica camoniana, incendeia-se e extingue-se, para de novo se reacender. «Tão contra si é ser o mesmo amor» (Camões), argumentava-se no século XVI.

Formas novas de um ser humano que teima, no entanto, em ser figurado pela paz e o amor, como os actuais medos, pelo menos na união europeia, deixam adivinhar.

A amizade e reconhecimento para com o Homem a que hoje prestamos homenagem, é, certamente, um símbolo dessa paz e amor que a humanidade incessantemente procura. Paz para conosco, sem a qual não há paz entre os homens, pelo reconhecimento da dádiva que o Prof. Luís de Oliveira Ramos fez por amor e graça, a todos os que tiveram o benefício ou a honra do seu saber e conselhos, prontos e ponderados, o qual ficará atento, como sempre foi seu timbre, à História, profecia do futuro, que tão bem tem ajudado a construir.

António de Oliveira

da sua nação, o que lhe tira, à partida, a dimensão comparativa. Os Estados Unidos da América do Norte são um bom exemplo em sentido contrário, os quais possuem também bons lusitanistas e hispanistas. O mesmo sucede com a França, que tem estudado Portugal, para além de outros países, sucedendo o mesmo com a Inglaterra. Recentemente, até a própria Espanha se decidiu a estudar de modo sistemático o período da História de Portugal que vai de 1580 ao fim da guerra da Restauração ou realizar mesmo em Madrid, na Universidade Complutense, um seminário sobre Portugal de hoje, se bem que seja necessário ter presente o surto actual da historiografia nacionalista espanhola. (RUIZ TORRES, Pedro, *O ressurgir da história nacional em Espanha*, «Ler História», 41, 2001, p. 61-69).

Compreende-se bem, assim, que uma das cadeiras mais disputadas na docência da Universidade portuguesa seja a de História de Portugal, de qualquer das épocas, e que esta seja largamente referenciada pelos docentes de História Universal, pelo menos nas partes em que são investigadores, o que pedagogicamente está correcto, salvo as sobreposições, as quais podem ser aceites, no entanto, pelos modos diversos que eventualmente exprimem.

As razões para este amor historiográfico à pátria são de ordem diversa. Não creio que se trate de uma opção nacionalista, nos tempos de hoje, mas antes uma forçosa escolha por parte de quem, dando aulas, tem de preparar um dificultoso doutoramento. O mesmo não direi dos que, ausentes da pátria, por vezes por motivos políticos, prepararam obras de renome no domínio da historiografia portuguesa. A sua elaboração, só por si, pode representar um vínculo e uma luta. Considere-se, no entanto, que o mesmo apego ao estudo da pátria se pode encontrar nos que recentemente, de modo voluntário, fazem os doutoramentos em instituições não portuguesas, embora se encaminhem já para uma história comparativa, pelo menos os do Instituto Europeu de Florença. (BETHENCOURT, Francisco, *Le millénarisme: idéologie de l'impérialisme eurasiatique?*, «Annales HSS», 2, 2002, p. 189).

⁸⁵ Neste aspecto, permanece quase como em 1940, pelo menos, não obstante a observação justa de SUBRAHMANYAM, Sanjay, *Ceci n'est pas un débat...*, «Annales HSS», 2, 2002, p. 201: «aujourd'hui [...] l'historiographie portugaise connaît des courants novateurs, fondés sur une véritable connaissance de l'histoire en dehors de l'Europe».

⁸⁶ ROSAS, Fernando, *O Estado Novo (1926-1974)*, vol. VII da «História de Portugal», dir. de José MATTOSO, Círculo de Leitores, 1994, p. 131 s.

⁸⁷ *Past and Present*, 173, 2001, anúncio em a penúltima página da capa. Conferência de Historiadores Anglo-Americanos, a realizar em inícios de Julho próximo [o presente texto foi redigido em Maio], organização conjunta da Escola de Estudos Avançados da Universidade de Londres e da revista *Past and Present*. Para além «do lugar da cultura material na formação de novas espécies de conhecimento», consta do programa «a liquidação do uso político do passado», e «a invenção e desconstrução de épocas históricas e dos mitos de fundação».

⁸⁸ LIPOVETSKY, Gilles, *A era do vazio. Ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio d'Água, 1989 (data do dep.